



Carta Aware

FEVEREIRO 2026

Leia mais em nosso site: www.awaregestao.com

Estados Unidos

Os Estados Unidos enfrentam em fevereiro uma combinação pouco invejável: por um lado, restabelecimento formal de laços com Venezuela (gesto diplomático que, na prática, alinha-se à necessidade pragmática de garantir fluxos energéticos num mundo que insiste em surpreender com choques de oferta), por outro, a escalada bélica no Médio Oriente projeta efeitos imediatos sobre preços de energia e sobre o cálculo político doméstico, criando um ruído capaz de reverter rapidamente leituras macro que até então favoreciam uma expectativa de acomodação monetária.

A guerra no Irã acena com um canal claro para pressionar inflação via commodities e custos logísticos, elevando a probabilidade de que ganhos reais esperados em 2026 sejam corroídos por choques de oferta e, por conseguinte, que a margem para cortes de taxa pelo Federal Reserve se mantenha mais estreita e sujeita a volatilidade de curto prazo. O argumento técnico vem acompanhado da ironia prática: a dependência recíproca entre petróleo venezuelano, diplomacia improvisada e conflito no Irã transforma decisões exteriores em variáveis de política econômica doméstica quase por osmose.

Na economia real, os dados recentes deram sinais claros de perda de tração: o PIB dos EUA desacelerou mais do que o esperado no 4º trimestre de 2025, enquanto o relatório de emprego de fevereiro mostrou um surpreendente aumento de empregos, combo que reduz poder de fogo para justificativas otimistas sobre reabertura imediata de espaço para afrouxamento monetário. Esses números colocam os decisores e os mercados num jogo de equilíbrio: cada pico no preço do petróleo reaviva a preocupação com inflação e empurra o horizonte de cortes de juros para mais adiante.

A resposta política e de mercado tem sido pragmática e, por vezes, teatral: autoridades avaliam intervenções no mercado futuro de petróleo e isenções temporárias na logística comercial para segurar picos de preço, medidas que são, em essência, tentativas de reduzir o risco de segundo-round inflacionário enquanto se mantém o aparelho produtivo funcionando. O resultado provável no curto prazo é maior volatilidade nos preços de ativos sensíveis à energia e numa escolha por parte de investidores por proteção contra inflação inesperada.

A diplomacia conduzida por Donald Trump merece menção sarcástica: improvisações geopolíticas que buscam resultados domésticos rápidos tendem a transformar as cadeias de riscos numa orquestra desafinada, com custos econômicos que acabam sendo pagos pelo usuário final, não pelo maestro.

Europa

O Velho Continente devolve uma fotografia de recuperação frágil e exposição energética que teima em não deixar o macroeconômico respirar: a zona do euro registrou expansão modesta no 4º trimestre, um crescimento trimestral que, embora positivo, pouco altera a narrativa de avanço desigual e sensível a choques externos. A Alemanha, por sua vez, mostrou um desempenho relativamente melhor, com crescimento trimestral de 0,3%, leitura que confirma uma recuperação pontual após um período de estagnação.

A elevação recente dos preços de energia e sinais de aumento de inflação antecipada complicam a trajetória: a pressão inflacionária na região saltou antes mesmo de se materializarem totalmente os efeitos do conflito no Médio Oriente, e essa pré-pressão altera o trade-off político dos bancos centrais europeus, reduzindo a folga para acomodação futura e elevando a probabilidade de respostas mais duras caso os preços de commodities continuem a surpreender para cima.

Ao mesmo tempo, vozes do próprio espaço monetário europeu preferem cautela na hora de subir a aposta: membros influentes do conselho de política monetária enfatizaram inexistência, por ora, de razões claras para um aperto adicional imediato, mantendo uma postura que tenta conciliar riscos de inflação com sinais de crescimento ainda titubeante. No plano real, essa combinação explica decisões corporativas duras e suscetíveis a reverberações: cortes anunciados por grandes grupos industriais, notadamente no setor automotivo, como a Volkswagen, refletem ajuste a margens comprimidas e a um mix cambial/energia menos favorável. Episódios como esse reforçam a assimetria entre recuperação de serviços e fragilidade da indústria. A dependência energética, a combinação de inflação resvalando para cima e crescimento irregular tornam o continente especialmente vulnerável a reviravoltas externas. O retrato é de progresso que convive com riscos que podem reverter ganhos num piscar de olhos, exigindo pouca tolerância a complacência.



Ásia

China

A mãe China em fevereiro mostrou sinais contraditórios: a inflação ao consumidor acelerou para o nível mais alto em três anos, corroendo parte da margem de política monetária que vinha sendo esperada para um afrouxamento mais agressivo, enquanto indicadores de atividade pintaram um quadro misto, com indústria oscilando entre ganhos e perdas e o PMI composto registrando leve recuo, sinalizando que a recuperação segue heterogênea e vulnerável a choques externos.

A vulnerabilidade mais imediata vem do canal energético: o bloqueio operacional e os riscos logísticos sobre Estreito de Hormuz pressionaram custos de frete e elevaram prêmios de risco, transmitindo-se rapidamente à China via custos mais altos de petróleo, frete e insumos petroquímicos, canais que já impactaram reajustes domésticos de combustíveis e empurraram custos industriais em segmentos-chave (refino, fertilizantes, transporte). No front da estratégia política e geoconômica, Pequim sinalizou menor ambição de crescimento para o ciclo à frente, o que foi lido como reconhecimento formal de um cenário mais grave e a necessidade de calibrar estímulos. A combinação de inflação mais alta, crescimento desigual e custos energéticos reduz a margem para medidas fiscais/monetárias excessivamente expansivas sem elevar o risco inflacionário.

Frente a uma inflação ascendente e atividade com sinais mistos, a política macro chinesa tende a priorizar estabilidade financeira e suporte seletivo à atividade, evitando estímulos generalizados que alimentem pressões nos preços. A narrativa de fevereiro é cristalina e inconveniente: o choque logístico de Hormuz mostrou que, mesmo distante, um ponto de estrangulamento marítimo pode reescrever pressupostos de política econômica em Pequim.

Ásia

Japão

Revisões de fim de ciclo elevaram a fotografia do quarto trimestre de 2025, fruto de investimento empresarial robusto e gasto privado mais forte do que o inicialmente estimado, abrindo espaço técnico para uma normalização monetária futura, ainda que esse ganho venha acompanhado de sinais de fragilidade no consumo doméstico. Ao mesmo tempo, a trajetória de preços traz um enigma: indicadores recentes mostram desaceleração da inflação ao consumidor para níveis próximos ao menor em dois anos, o que limita o argumento para um aperto excessivamente agressivo e força o BoJ a calibrar mensagens com muito cuidado. No plano da política monetária, o BC nipônico manteve a taxa, mas voltou a sinalizar que aumentos podem ser necessários dependendo da evolução do crescimento e da inflação. Vozes internas advertiram que elevações poderão ser requeridas em breve caso a dinâmica se confirmar, enquanto o presidente do BC, Kazuo Ueda, colocou o câmbio entre as variáveis a avaliar antes de qualquer passo adicional. O risco exógeno permanece claro: o impacto potencial do conflito no Oriente Médio sobre preços de energia e cadeias logísticas representa a principal ameaça à continuidade desse crescimento revisado, pois pressões de custo poderiam rapidamente corroer consumo e investimento recém-reativados.

Índia

A Índia encerrou fevereiro com uma dupla impressão: por um lado, a atividade surpreendeu positivamente com crescimento trimestral robusto que reforça a narrativa de expansão estrutural e demanda interna resiliente. Por outro lado, a mesma Índia que celebra a aceleração vê a economia ser puxada por caminhos menos voluntariosos quando a segurança energética é posta à prova: a escalada do conflito no Oriente Médio forçou ajustes pragmáticos nos fluxos de petróleo, empurrando Nova Délhi a ampliar compras de óleo russo como resposta tática à escassez e à volatilidade de preços.

A situação logística adiciona um componente de incerteza operacional: relatos sobre a possibilidade de navios com bandeira indiana transitarem pelo Estreito de Hormuz circularam e foram objeto de negociações diplomáticas, mas também de contestações oficiais, o que traduz um ambiente onde avanços práticos coexistem com negações formais e tornam o abastecimento menos previsível. Reservas e mecanismos de estabilização da economia indiana podem ser testados caso os preços do petróleo permaneçam elevados por período prolongado, o que adiciona um elemento fiscal e de conta corrente ao debate sobre resiliência do crescimento.

A Índia em fevereiro combina dinamismo doméstico com exposição externa crescente. A mensagem estratégica é simples e prosaica: crescimento forte é excelente, até que a energia explique o resto da história.

América Latina

Argentina

Os hermanos entregam em fevereiro uma mistura familiar de sinais contraditórios: por um lado, a atividade econômica mostrou resiliência pontual, com as leituras de dezembro vindo acima do esperado, oferecendo combustível estatístico para narrativas otimistas sobre recuperação estrutural. Por outro lado, as fragilidades macro continuam a pairar sobre o horizonte, com uma inflação que voltou a perder fôlego apenas de forma intermitente, reservas líquidas apertadas e um calendário de vencimentos que reaviva o espectro do calote em julho, colocando sob estresse a credibilidade financeira do país.

A retórica oficial tenta converter avanços pontuais em prova de conceito do plano econômico, mas a realidade é menos complacente: medidas liberais e acordos comerciais que atraem manchetes coexistem com saída de multinacionais, reservas técnicas que não resistem a choques de liquidez e projeções de preços que mantêm a inflação como risco central para o poder de compra e para a dinâmica social. A menção pública do presidente Javier Milei de que a guerra no Irã “poderia melhorar” a economia local merece ironia institucional: há quem chame isso de realpolitik, e há quem chame de cálculo com custo social e de risco reputacional, uma aposta em choques exógenos para atenuar problemas fundamentalmente domésticos.

Em termos políticos e de mercado, a leitura de fevereiro é direta e desconfortável: ganhos pontuais não apagam vulnerabilidades estruturais. Quando o tempo de pagamento chega, a retórica e os acordos internacionais não substituem caixa e confiança de investidores.

México

Uma mistura de pragmatismo comercial com pressões de preço: o governo mexicano anunciou que iniciará em maio conversas com o Canadá para revisar o pacto trilateral conhecido como USMCA, um movimento que sinaliza atenção estratégica à integração regional e à necessidade de ajustar regras num contexto global mais volátil. Ao mesmo tempo, a inflação medida no mês subiu para 4,0% em fevereiro, acima das expectativas de mercado, um dado que aperta o nó da política monetária e reduz margem de manobra para afrouxamento rápido das condições financeiras.

A combinação é direta em termos práticos: negociações comerciais apontam para tentativa de fortalecer cadeias regionais e mitigar choques externos, enquanto a inflação elevada empurra decisões domésticas no sentido de cautela. Menos teatralidade, mais cálculo: o México negocia acordos e enfrenta preços, ambos com poder de reescrever o curto-prazo de riscos e retornos.

Brasil

No Brasil, fevereiro foi um mês de consolidação da leitura de flexibilização monetária à frente, mas ainda sob forte dependência dos dados. Sem reunião do Copom no mês, o mercado continuou digerindo a decisão de janeiro, quando o Banco Central manteve a Selic em 15,0% e indicou que, se o cenário evoluísse como esperado, poderia iniciar o ciclo de cortes na reunião seguinte. Ao final de fevereiro, essa sinalização já estava parcialmente incorporada nas expectativas: o Focus de 27 de fevereiro apontava Selic de 14,5% para março e 14,0% para abril, reforçando a hipótese de um primeiro movimento de 0,5 p.p., mas sem espaço, por ora, para uma trajetória mais acelerada.

Na inflação, o mês trouxe continuidade do processo de melhora na margem, ainda que com ruído sazonal relevante nas leituras correntes. O IPCA-15 de fevereiro avançou 0,84%, levando a inflação em 12 meses para 4,10%, abaixo dos 4,50% anteriores. Já o IPCA cheio de fevereiro ficou em 0,70%, com desaceleração do acumulado em 12 meses para 3,81%, ante 4,44% na leitura precedente. A composição do mês foi pressionada por reajustes sazonais em Educação e por Transportes, mas o recuo da inflação acumulada reforçou a percepção de que a desinflação segue em curso, embora ainda de forma incompleta, especialmente nos componentes mais inerciais.

Na atividade, fevereiro seguiu marcado por uma desaceleração gradual, sem evidência de deterioração abrupta. Os dados mais recentes mostraram IBC-Br de janeiro em alta de 0,1% no mês e 3,1% em 12 meses, enquanto a produção industrial subiu 1,8%, o varejo avançou 0,4% e o volume de serviços cresceu 0,3%, voltando ao nível recorde da série. O quadro segue, portanto, de moderação heterogênea: setores mais dependentes de crédito perderam intensidade, mas serviços e consumo ainda encontram suporte em renda e emprego.

No mercado de trabalho, a fotografia permaneceu apertada, ainda que já com sinais marginais de acomodação. A taxa de desocupação ficou em 5,4% no trimestre encerrado em janeiro, estável no menor patamar da série comparável, enquanto o rendimento real habitual atingiu recorde de R\$ 3.652. Pelo lado do emprego formal, o Novo Caged mostrou geração líquida de 112,3 mil vagas em janeiro. Em conjunto, os dados seguem compatíveis com um mercado de trabalho ainda robusto o suficiente para sustentar a demanda, mas sem reaceleração relevante.

Já no fiscal, fevereiro não alterou o pano de fundo de cautela. O Governo Central registrou superávit primário de R\$ 86,9 bilhões em janeiro, mas as projeções de mercado ao fim de fevereiro ainda apontavam déficit primário de 0,50% do PIB em 2026, com dívida líquida em 70,0% do PIB e déficit nominal em 8,60% do PIB. Em outras palavras, o resultado corrente foi positivo, mas insuficiente para remover o fiscal do centro do balanço de riscos. Isso ajuda a explicar por que o Banco Central continua preservando uma postura prudente, mesmo diante da melhora marginal de inflação e atividade.

Em síntese, fevereiro de 2026 reforçou um quadro de desinflação gradual, atividade em moderação e mercado de trabalho ainda resiliente. A sinalização para o início do ciclo de cortes em março ganhou tração, mas o ambiente continuou exigindo calibragem cuidadosa. O cenário-base segue apontando para flexibilização monetária, porém em ritmo moderado, com inflação de serviços, expectativas e fiscal permanecendo como os principais limitadores de um ciclo mais profundo.

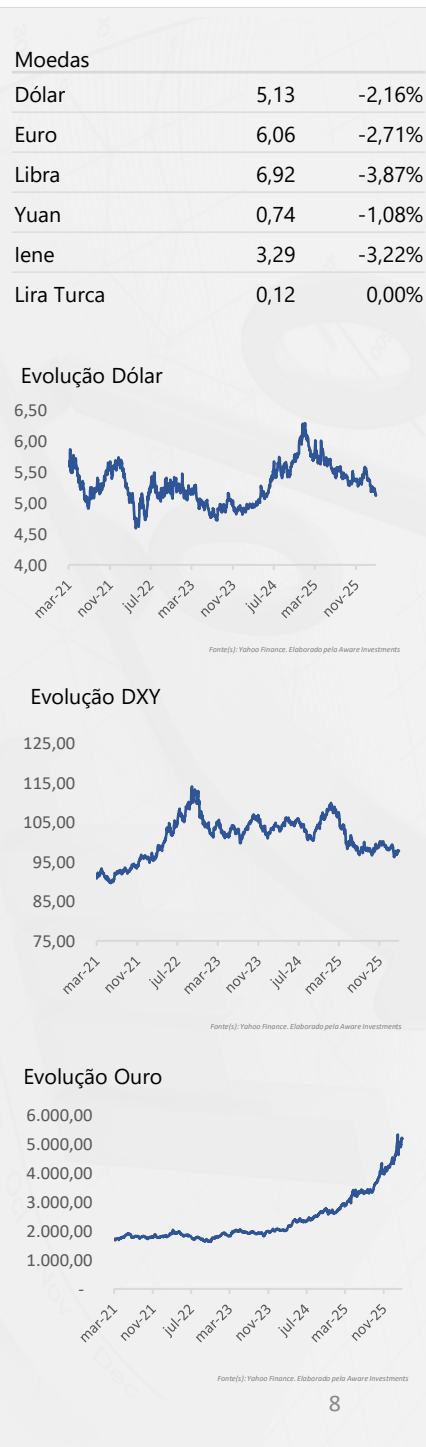
Juros & Câmbio

Em fevereiro de 2026, o ambiente global de juros seguiu marcado por cautela. Nos Estados Unidos, a leitura predominante passou a ser de manutenção da taxa na reunião de 17 e 18 de março, com o Fed ainda sem urgência para iniciar cortes e preservando flexibilidade diante de um cenário mais incerto para inflação e crescimento. Assim, a curva americana continuou refletindo a expectativa de uma flexibilização gradual ao longo do ano, sem espaço, por ora, para um movimento mais agressivo de queda dos yields.

No Brasil, fevereiro consolidou a sinalização dada pelo Copom em janeiro. Ao manter a Selic em 15,0%, o Banco Central indicou que, se o cenário-base se confirmasse, o início do ciclo de cortes poderia ocorrer já na reunião seguinte, em março. Com isso, a precificação doméstica passou a refletir com mais clareza um primeiro movimento de flexibilização, ainda em ritmo moderado e condicionado à evolução da inflação, das expectativas e do quadro fiscal.

No câmbio, o real continuou beneficiado por um ambiente de dólar mais fraco no cenário global, pelo elevado diferencial de juros entre Brasil e Estados Unidos e pela continuidade da entrada de recursos para mercados emergentes. Esse pano de fundo ajudou a sustentar o bom desempenho da moeda brasileira ao longo do mês, especialmente em um contexto no qual investidores seguiram buscando mercados com carregamento elevado e condições monetárias relativamente estáveis. Ainda assim, fiscal e cenário eleitoral doméstico seguiram como vetores relevantes de atenção para a trajetória do câmbio ao longo de 2026.

Na margem, o fim de fevereiro e a virada para março adicionaram um novo foco de cautela ao cenário global: a escalada do conflito envolvendo Irã, Estados Unidos e Israel. A pressão sobre o petróleo reacendeu o risco de inflação global mais persistente, reforçando a leitura de que os principais bancos centrais podem ser levados a manter juros elevados por mais tempo. Para o Brasil, esse ambiente tende a limitar um fechamento mais intenso das curvas longas e reforça a necessidade de cautela, mesmo com o guidance local apontando para o início dos cortes.



Bolsas

Em fevereiro, o cenário global foi marcado pela continuação da rotação de ativos, com investidores redirecionando capital dos mercados desenvolvidos em direção a praças com valuations mais comprimidos, movimento que beneficiou de forma direta mercados emergentes como o Brasil e também o Japão, ao mesmo tempo em que penalizou criptoativos e o segmento de tecnologia americano. O índice MSCI World ex-EUA acumulou alta de aproximadamente 8% no ano até o fim de fevereiro, contrastando com o desempenho fraco do S&P 500, evidenciando a amplitude dessa redistribuição de portfólios em escala global.

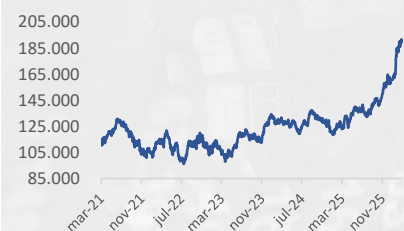
O Ibovespa manteve o ritmo construtivo iniciado em janeiro, encerrando o mês com alta de +4,1%, próximo aos 190 mil pontos, com o fluxo de capital estrangeiro superando R\$ 15 bilhões na bolsa brasileira, o maior nível para o mês desde 2022. O índice renovou sucessivos recordes históricos ao longo do período, impulsionado pela combinação de valuations ainda atrativos, expectativa de início do ciclo de corte da Selic em março e movimento global de rotação. No âmbito setorial, o desempenho foi liderado por construção civil e telecomunicações, que se beneficiaram das perspectivas de queda de juros, enquanto energia e commodities seguiram sustentadas pelo cenário externo favorável. O segmento de incorporação residencial apresentou as maiores altas do período, ao passo que o setor de energia renovável sofreu pressão pontual ligada a fundamentos específicos de crédito. O volume financeiro médio diário na B3 avançou com expressividade ao longo do mês, sustentando a percepção de mercado aquecido e com liquidez crescente.

Nos Estados Unidos, o mês foi marcado por deterioração do sentimento e reversão das altas acumuladas no início do ano. O S&P 500 e o Nasdaq encerraram o mês no campo negativo, pressionados pelo crescente receio quanto ao impacto da inteligência artificial sobre setores específicos da economia. Energia, materiais e bens de consumo essenciais lideraram o desempenho setorial, enquanto tecnologia e finanças ficaram para trás, sinalizando uma rotação clara dentro do próprio mercado americano. O movimento refletiu o reposicionamento dos investidores diante de temores quanto aos investimentos em capex nas grandes empresas de tecnologia e da maior incerteza sobre a trajetória dos juros pelo Federal Reserve. O mercado de trabalho americano demonstrou vigor, com criação de 126 mil vagas em janeiro, superando as 70 mil esperadas, adicionando complexidade à leitura da política monetária e mantendo o cenário de juros mais restritivos por mais tempo no radar, visto a grande dispersão entre diferentes setores. A fraqueza relativa dos índices americanos em fevereiro contrastou com o robusto desempenho de mercados emergentes e contribuiu para intensificar a saída de fluxo de capital.

Índices

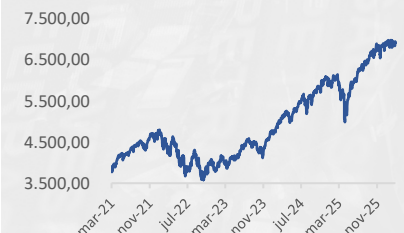
Ibovespa	188.787	4,09%
S&P 500	6.878	-0,87%
Nasdaq	24.960	-2,32%
Euro Stoxx 50	6.138	3,20%
Shanghai	4.162	1,09%

Ibovespa



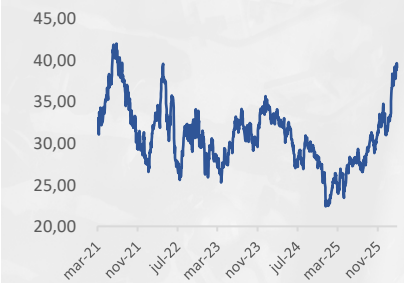
Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

S&P 500



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Índice EWZ



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Perspectivas

O cenário global seguiu reforçando a tese que temos defendido ao longo dos últimos meses: a rotação de portfólios em escala global ganhou ainda mais tração, com investidores continuando a reduzir exposição a ativos de crescimento de longo prazo, especialmente no segmento de tecnologia americana, e direcionando capital para mercados com valuations mais comprimidos, setores ligados a ativos reais, commodities e infraestrutura. Esse movimento, longe de ser pontual, reflete uma mudança mais estrutural no posicionamento dos investidores institucionais globais, que passam a exigir maior tangibilidade nos fluxos de caixa. O dólar mais fraco ao longo do período contribuiu adicionalmente para favorecer mercados emergentes e ativos denominados em outras moedas, amplificando os retornos em dólar de desses mercados.

No mercado brasileiro, o Ibovespa iniciou março com sinais crescentes de exaustão do movimento de alta iniciado no começo do ano. A concentração excessiva dos ganhos em grandes capitalizações e empresas ligadas a commodities, sem uma participação mais ampla do mercado, é um indicativo típico do perfil do movimento e reduz a convicção de sustentação dos níveis atuais sem uma correção intermediária. Nesse contexto, entendemos que faz sentido a realização parcial de lucros nas posições que mais se valorizaram e o aumento gradual de instrumentos de proteção, preservando a exposição estrutural ao mercado local sem abrir mão da gestão de risco num momento de assimetria menos favorável. Adicionalmente, a curva de juros passou por um fechamento relevante ao longo do período, com o mercado precificando um ciclo de cortes da Selic mais intenso do que consideramos provável dado o cenário interno e global. O Banco Central tem sinalizado de forma consistente uma postura conservadora, com movimentos comedidos e dependentes de dados, enquanto a inflação global segue demonstrando persistência e os riscos de repasse cambial ainda não estão inteiramente dissipados. Seguimos, portanto, com uma visão mais cautelosa em relação à extensão do afrouxamento monetário doméstico, o que nos leva a manter parcimônia nas posições mais sensíveis a juros.

Nos Estados Unidos, a continuidade do selloff generalizado no setor de tecnologia, especialmente em software, criou uma situação que merece atenção diferenciada. O mercado, em boa parte do movimento vendedor, tratou todas as empresas do setor de forma indiscriminada, o que abre oportunidades relevantes de alocação em companhias com posicionamento sólido para capturar os ganhos de produtividade gerados pela inteligência artificial, seja via expansão de margens, crescimento de receita ou ganho de participação em seus mercados. Identificamos nesse segmento uma janela de entrada mais interessante do ponto de vista de relação risco-retorno para nomes com fundamentos diferenciados. Por outro lado, os dados mais recentes de atividade econômica e emprego nos EUA começam a desenhar um quadro que exige atenção. A economia americana segue em desaceleração, com indicadores de atividade e mercado de trabalho perdendo fôlego de forma gradual, ao mesmo tempo em que os dados de inflação continuam a surpreender pela persistência. Essa combinação de atividade enfraquecendo com inflação resistente é particularmente delicada, pois reduz o espaço de manobra do Federal Reserve e eleva o risco de um ambiente de estagflação, historicamente adverso para ativos de risco em geral.

Diante desse quadro global, seguimos convictos na continuidade do movimento de rotação de portfólios iniciado no começo do ano, com preferência por setores ligados a ativos reais, industriais, materiais básicos e infraestrutura, que tendem a se beneficiar tanto da reprecificação de risco nos mercados desenvolvidos quanto do ambiente de commodities sustentadas e demanda estrutural por reindustrialização. Mercados emergentes com fundamentos relativamente sólidos, como o Brasil, permanecem no radar dos investidores globais como alternativa relevante de alocação, ainda que com maior seletividade a partir daqui, dado o nível de preços já incorporado após o rali recente.



Disclaimer

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que despendemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your
investments

AWARE INVESTMENTS
Multi Family Office

Brasil • Portugal • Suíça

contato@awaregestao.com
www.awaregestao.com